

O ensino não é mais o mesmo! - Philippe Perrenoud

Aqueles que se tornam professores devem se prevenir quanto a algumas desilusões, se têm em mente a imagem clássica do "professor correto", já ultrapassada, mas que sobrevive em seu imaginário:

- Gostar dos jovens é bom, mas nem todos são fáceis de amar, se isso significa que devem ser obedientes, educados, limpos, corretamente vestidos, disciplinados, respeitadores dos adultos. A escola recebe de agora em diante *todas* as crianças e as respeita *como elas são*. Ensinar é trabalhar com um amplo leque de sensibilidades, de culturas, de relações com o mundo.
- Gostar muito de trabalhar com jovens é bom, mas é inútil acreditar que se pode ensinar fugindo sempre do contato com os adultos. Os pais esperam interlocutores confiáveis. O educador deve também dialogar com outros profissionais, colegas, trabalhadores sociais, psicólogos, psiquiatras.
- Gostar de ser o "grande professor solitário" é bom, mas hoje é preciso cooperar, trabalhar em equipe, participar do projeto da escola. Não é possível mais se fechar em um face-a-face com os alunos: é preciso sair das quatro paredes da sala, engajar-se em inovações, atividades sindicais e grupos de trabalho.
- Gostar dos saberes e ter vontade de partilhá-los é bom, mas isso não basta quando se é confrontado com alunos que não veem por si mesmos o sentido da escola, ou não estão dispostos em aceitar o trabalho necessário para aprender. Querer satisfazer o apetite de saber dos jovens é somente um aspecto da profissão; é preciso também, e primeiramente, encarregar-se daqueles cuja vontade de aprender é fraca e frágil.
- Gostar de transmitir conhecimentos é bom, mas essa fórmula é somente um atalho para dizer "construir" conhecimentos. Então, devem-se criar *situações de aprendizagem* muito mais do que "dar aulas".
- Gostar de tomar a palavra diante dos alunos é bom, mas em doses homeopáticas. Ensinar é, sobretudo, pôr-se em trabalho, propondo e regulando tarefas portadoras de aprendizagem. É assumir o trabalho de diretor, muito mais que o de ator, é comover-se nos bastidores, fazendo um trabalho muitas vezes invisível.
- Gostar de se dirigir à classe toda é bom, mas esse procedimento tem virtudes pedagógicas limitadas: os alunos são diferentes, e o mestre tem o dever de propor atividades variadas, adaptadas às necessidades e ao nível de cada um.
- Gostar de se organizar ao seu modo é bom, mas a profissão de educador consiste cada vez menos em estar presente na escola quando os alunos nela estão também. Tempos de projetos em grupo, encontros com os pais e formação contínua fazem parte do trabalho.
- Gostar de agir com intuição e humanidade é bom, mas ensinar atualmente exige, mais que tudo, habilidades específicas, saberes e competências que não derivam do senso comum, mas de uma formação didática e pedagógica árdua.
- Gostar de vida tranquila é bom, mas a vida dos educadores não é mais tranquila, se é que ela já o foi algum dia. Cada reforma de estrutura, cada novo programa modifica as rotinas, nada é definitivamente adquirido, sem falar nas mudanças das tecnologias e dos modos de vida das famílias.

- Gostar de boas férias é bom, mas ensinar não consiste em ir para a sala de mãos abanando. Cada atividade exige uma boa preparação. Ensinar é, assim, uma profissão fatigante, física e emocionalmente, na qual o estresse nos ameaça.
- Gostar de estar do lado do conhecimento e da virtude é bom, mas ensinar é também manejar a sedução, a repressão, a recompensa e a sanção; é avaliar, fazer justiça, deter segredos. Logo, é viver dilemas éticos.
- Gostar de ser o portador da verdade é bom, mas hoje em dia a mídia e a Internet disputam com a escola o monopólio dos saberes. Não se pode, então, ensinar vivendo fora do mundo, ignorando a atualidade política, científica, tecnológica.
- Gostar de instruir é bom, mas é preciso aceitar a resistência de alguns alunos, sua "alergia" ao saber, o fracasso de toda estratégia, característico do que Freud chamava de "profissão impossível", no sentido de que a ação pedagógica jamais estará certa de atingir seus fins.

Ensinar: um trabalho hábil e exigente

Poder-se-ia acreditar que procuro desencorajar as vocações. Absolutamente. Mas ninguém deveria escolher sua profissão "com a cabeça afundada na areia". Ensinar, hoje, é apaixonante, mas é difícil. Nada mais anda por si só. Um humorista inglês disse que alguém se torna professor quando não sabe fazer mais nada. Não é bem assim. Não basta "se resignar" a ensinar, quando sonhou ser escritor, pesquisador ou grande repórter, e se volta à realidade. Ensinar é uma profissão difícil demais para que alguém se engaje nela por comodismo, falta de coisa melhor, ou porque é preciso "ganhar a vida".

A França caminha rumo a uma imensa crise de recrutamento de professores. As pesquisas realizadas com jovens nos dizem que eles são mais atraídos pelas profissões do serviço humanitário, como se ensinar não fosse também um serviço humanitário, como se a aventura humana passasse unicamente pela Cruz Vermelha ou pelos Médicos sem Fronteiras.

Ensinar é trabalho hábil e exigente, bem além do domínio dos conteúdos. Cada uma das dimensões por mim evocadas deveria ser uma razão POSITIVA para a escolha dessa profissão por aqueles que não fogem aos desafios. Esse ofício de mestre, diz Claudine Blanchard-Laville, oscila entre prazer e sofrimento. O sofrimento é constitutivo de uma profissão humanitária: simultaneamente por empatia (participação no sofrimento de alguns alunos ou de seus pais) e por decepção, frustração, sentimento de fracasso ou de impotência. Essa parte de sofrimento só é aceitável se for equilibrada por prazeres profissionais.

Ora, ninguém pode encontrar prazer numa profissão que não tenha alguma relação com o que tinha sonhado. Aí se enraíza o sofrimento de uma parte dos professores. E ninguém pode encontrar prazer se não tem os meios intelectuais e emocionais para encarar as situações profissionais tais como elas são.

De agora em diante, os professores serão todos formados em Institutos Superiores e em Universidades. Importa mais do que nunca prepará-los para a "profissão real", fornecendo-lhes meios para uma prática reflexiva e permitindo-lhes apropriar-se de ferramentas de trabalho eficazes em sala de aula. O prazer de ensinar não se dá sem

competências ou sem uma identidade assumida. Essas são as apostas maiores da formação de professores.